

O humor nada objetivo e um jornalismo muito sério

Josimey Costa da Silva¹

O homem é mesmo o único animal que ri?

Talvez, embora nem sempre, e a ambigüidade desta resposta pretende ser proposital. Estudos recentes da etologia têm comprovado que tudo o que os humanos sabem sobre os outros animais é, no mínimo, quase ridículo.² E o riso, bem como aquele tipo de vida, não é nada fácil, especialmente quando o humor é o tema de um artigo que bem poderia falar sobre o rir com alguma leveza... Mas claro que isso também não é coisa de duas risadas.

Escritores, diretores e atores das mais diversas procedências reconhecem que usar o humor ou fazer comédia no teatro e no cinema é um trabalho muito difícil e, quiçá, o mais sujeito a fracassos. Molière dizia que a regra de todas as regras é agradar e a peça que não agrada, vai mal. Só que as peças que seguem as regras, não agradam e as que agradam, não seguem as regras. Donde se conclui que o que provoca o riso dos seres humanos ainda é uma matéria muito imbuída de mistério. O que deveria ser risível, nem sempre o é: o inesperado às vezes é trágico, o picante pode simplesmente ser pornográfico e o feio corre o sério risco de assustar.

Não é nenhuma novidade que o humor compõem os processos cognitivos e emocionais dos homens, sendo um importante recurso para a compreensão da estética, da cultura e da vida social como um todo. Contudo, na vida cotidiana, a maioria das pessoas não questiona aquilo que as faz rir. Ri, e isso basta. Quando o desfecho de uma situação é o riso ou a gargalhada, a captação da mensagem parece ter sido imediata ou, pelo menos, bastante rápida, e a resposta, espontânea. Rir não é, porém, uma mera reação fisiológica, nem ao menos uma característica humana desde sempre. A humanidade aprendeu a rir. O riso é um sintoma do percurso cultural do *Homo sapiens sapiens*, é um sinal de civilização. Demonstra uma certa capacidade intelectual próxima do chamado distanciamento *brechtiano*, ou seja, implica numa possibilidade de ver as coisas e a si mesmo abstraídos de sua existência concreta e carregados de uma conotação simbólica peculiar.

¹ Jornalista e professora de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Cf. estudos de Boris **Cryulnik** e Franz de **Waal** em diversas publicações, inclusive em língua portuguesa.

Embora em sua origem ligada à medicina, a palavra humor designasse os líquidos contidos no corpo que se julgava determinantes das condições físicas e mentais do indivíduo, a acepção atual deriva do inglês *humour*, significando boa disposição do espírito, veia cômica. Humor nomeia um fenômeno na perspectiva mais global e, quando se ri sem se saber porquê, corre-se o risco de, excluindo o elemento intelectual do ato de rir, impossibilitar a leitura de seu potencial crítico e ignorar qualquer nível de consciência que nele esteja contido. Em outras palavras, ao se privilegiar o emocional incluso no riso, escamoteia-se o seu potencial político e se reduz a sua importância.

Esse potencial começa a avultar na análise das situações que fazem o humor aflorar. A queda física, simbolizando a tragédia da perda da dimensão vertical tão duramente conquistada pelos homens³ é uma situação clássica largamente explorada nas comédias de pastelão, que também recorrem ao constrangimento de personagens odiosos e a tramas ricas em inversão da expectativa.

Fatos dessa natureza, ainda que potencialmente cômicos, remetem complementarmente ao conceito oposto, o de tragicidade. A tragédia mostra uma atribuição de significados negativos a uma determinada situação, o que induz à angústia. A comédia, em encadeamento semelhante, induz à hilaridade. No teatro, a fusão dos dois gêneros no tragicômico apresenta situações angustiantes que fazem rir. Há, em qualquer dos casos, a presença marcada do limite, do extremo, do que desloca o ser de sua condição de inércia emocional.

Flávio Moreira da Costa, junto a um trabalho de crítica literária em jornais, dedicou alguns livros aos contos humorísticos. Para ele, o senso comum identifica o humor exclusivamente com o cômico, a palhaçada, a piada de salão ou os filmes e programas de televisão recheados de bordões. Esta, no entanto, é apenas “uma das mil faces do simples ato de abrir a boca, mostrar os dentes e fazer os olhos e a inteligência brilharem ao longo da humanidade.”⁴

É o humor o que faz com que uma série de contrações musculares faciais não seja uma simples careta e que o corpo se sacuda em gargalhadas que tiram o fôlego, mas não o prazer. A localização do fenômeno no corpo parece simples, porém, sendo o humor uma construção cultural, o seu conceito é necessariamente ambivalente, tanto que há riso sem humor e humor sem riso.

³ Cf. Pross (1980).

Do ponto de vista da representação literária e teatral, há imensa gama de variações: humor cômico, humor burlesco, humor ridículo, humor irônico, humor satírico são algumas, e cada uma representa um tipo particular de humor, nem todas provocando risos. O cômico se faz comédia utilizando-se do ridículo para fazer rir francamente. A ironia provoca apenas sorrisos, e é uma das formas mais críticas e ferinas de humor; consistindo em dizer o contrário do que se pensa, ela adiciona falsidade, mentira, ao fato que ridiculariza. No extremo da escala, há a sátira, uma composição sarcástica, mordaz, que apela para a inteligência, divertindo uns enquanto estoca outros. É um gênero literário normalmente expresso em verso, mas também pode aparecer na forma de prosa. Nem sempre o objetivo da sátira é fazer rir. Às vezes, provoca rejeição do objeto da ridicularização e, mesmo sendo um ataque fictício, essencialmente tem um caráter moral que se destina a fazer a sociedade refletir e se rever.

A sátira está presente na história da literatura desde a Antiga Grécia até hoje. Para Costa, Homero (cerca de 850 a. C.) é o iniciador da literatura de humor com o conto *Batracomiomáquia*.⁵ Grandes obras da literatura universal podem ser elencadas na categoria de humorísticas, embora não dentro da redução do humor apenas cômico ou inócuo. O humor tem múltiplas manifestações, de modo que os matizes humorísticos diferem entre o do grego Aristófanes e o do florentino Boccaccio, o do espanhol Cervantes e do britânico Shakespeare. Entretanto, advertida ou inadvertidamente, há humor em textos da psicanálise, da antropologia, da crítica literária e até na biologia.

Contudo, o que aqui interessa mais de perto é o humor no jornalismo, essa atividade tantas vezes mal-humorada.

Os meios da informação (ou comunicação, como é mais usual) de massa tentam repetir a frequência com que o humor aparece na vida cotidiana. Nos veículos, isso é mais apreensível pela setorização do humor em gêneros ou seções específicas em jornais e revistas, mas há também diluição do humor no todo das informações veiculadas, seja com a presença da ironia no texto dos articulistas, com o comentário recheado de sarcasmo de um entrevistado, com a foto que explora algum ângulo pitoresco, ou ainda com o absurdo de muitas colocações pretensamente objetivas e sérias.

⁴ Costa (2001).

Não é à toa que os dicionários especializados trazem verbetes que ressaltam o aspecto humorístico do jornalismo, com toda as aplicações que essa expressão possa ter. *Jornalismo de entretenimento* é um verbete que remete à leitura de jornais como distração conscientemente procurada durante os tempos mortos, mas há mais sobre o humor: este estaria presente “até nas matérias de teor preponderantemente informativo”.⁶

Obviamente, esse é um traço não oficial do humor no jornalismo. Enquanto prática sócio-cultural cotidiana, o humor é aprisionado pela indústria da comunicação de massa e apropriado dentro dos limites do lazer como “não-sério”, como se o que é sério fosse completa e desejavelmente destituído de humor. O resultado, como se sabe, é uma estandarização do humor submetido à produção em série, direcionado à homogeneização de público para que se torne massa, o que coloca as formas mais refinadas do humor fora do alcance de grande parcela desse público. As charges, caricaturas e *cartoons* publicados em praticamente todos os jornais de circulação massiva reproduzem as contradições que essa situação contêm. Ao mesmo tempo em que deixam entrever as suas potencialidades críticas, muitas vezes realizam um humor de apaziguamento e confirmação política.

Baudelaire dizia que o homem morde com o riso; Honoré Daumier, o criador da caricatura na França, fustigava os costumes sociais de sua época e foi preso inúmeras vezes por criticar impertinentemente o rei Luís Felipe, o que deveria fazer a delícia de muitos. Embora com tal poder mobilizador, o fato de que o humor acabe relegado ao plano do mero entretenimento pela indústria cultural e que, como gênero, não ocupe tantos lugares assim nas listas das grandes obras lítero-artísticas da humanidade, sinaliza para algumas reflexões necessárias.

Setorizar o humor e desvanecer suas possibilidades críticas ao enquadrá-lo como não importante equivalem a administrar o lazer, minimizar os aspectos políticos do divertimento e reduzir a importância do ócio. Assim, se encobre o significado das horas de não-trabalho do homem. O *far niente* é importante para a construção psicológica do ser integral, uma vez que propicia a elaboração mental do que é percebido e experienciado cotidianamente. Isso é fundamental para o aprofundamento de informações, o desenvolvimento da consciência crítica e, claro, para um exercício

⁵ Op. cit.

⁶ **Rabaça** Carlos Alberto e Barbosa, **Gustavo**. *Dicionário de Comunicação* (1978).

mais significativo do humor. Ócio e tempo morto não são sinônimos; o lazer pode ser vivo e dinâmico como um trabalho não-alienado.

O humor dentro do jornalismo poderia ser, *deveria* ser o impulso que leva a realizar um esforço de imaginação na tentativa de descobrir o que está certo através de uma coisa que parece errada, e como esta coisa deveria ser. Ou o que está errado na coisa aparentemente certa, procurando inclusive as razões daquela coisa errada. Isso significa admitir, conscientemente e com responsabilidade política, a participação mais ampla do receptor na construção da mensagem. Na verdade, essa deveria ser a tônica da prática jornalística como um todo, e se não é, é insuficiente apenas lamentar o fato.

A contraposição dos termos *sério* e não-sério dentro da prática jornalística serve a diversos fins. A prática *séria* é aquela que aprofunda, critica e transmite informações novas mesmo utilizando linguagem informal, servindo como ponto de reflexão; a prática não-séria é a humorística, aquela que diverte - desde que não espicace demais a boa-vontade dos ridicularizados, o que pode resultar em censura econômica, política e social.

O que diferencia distingue uma e outra prática é menos o conteúdo e mais a forma de veicular a informação. Quando uma charge de jornal, por exemplo, satiriza um assunto que já é manchete, dando-lhe uma roupagem nova através dos dados que lhe são acrescidos pela imaginação do chargista, ou explorando um ângulo novo, inusitado, várias das características da notícia estão presentes: interesse, ineditismo, importância. E se o fato que a charge enfoca não foi, ainda, abordado pelo seu jornal, embora faça parte das rodas de conversas informais da cidade; se é recente; se está próximo do público leitor porque diz respeito à sua vida - coletiva ou particular; e se ainda serve como ponto de reflexão e interpretação daquele fato, mais características de notícia aparecem: atualidade, proximidade, interesse, ineditismo, importância.

Convencionalmente, a notícia é definida como um relato verbal. Temos, porém, outros tipos de informação noticiosa que não se enquadram nesse limite estreito. A fotografia jornalística é um exemplo, que muitas vezes *fala* mais ao leitor do que o texto, dando mais credibilidade à informação e ainda guardando todas as outras características da notícia. Se nada disso é considerado na avaliação de uma charge publicada em jornal, isso talvez se dê porque o humor - quando perfeitamente caracterizado como tal - tem um espaço próprio e, não sendo levado a sério como

realmente deveria ser, lhe é atribuída uma inocuidade que desperta certa condescendência, uma certa miopia analítica.

É nesse contexto que, infelizmente, também se enquadra a prática jornalística atual nas cidades brasileiras, em especial nas de pequeno e médio porte. Os veículos da comunicação de massa são os responsáveis pela sincronização e pela memória social ao deterem institucionalmente o papel de narradores dos acontecimentos do grupo social. Dentro de uma economia de mercado, isso significa adotar uma linguagem jornalística que deve ser concisa e direta, repetitiva e substantiva, sem metáforas ou adjetivos que complexifiquem e personalizem o texto. Isso também poupa o leitor de grandes esforços de imaginação, usurpando-lhe uma gorda fatia da função de construir ativa e conscientemente a mensagem.

Uma página de jornal reflete essas questões. A informação recebe um tratamento industrializado, com critérios específicos sobre a configuração da notícia. Os dados considerados mais importantes estão sempre no espaço mais nobre, seja do ponto de vista gráfico, seja do ponto de vista verbal. Assim se desenha a famosa e castradora *pirâmide invertida*, numa apresentação destinada a chamar a atenção do receptor e, muitas vezes, de evitar-lhe o trabalho de precisar ler, ouvir ou assistir tudo para ficar por dentro do que é mais importante – sempre do ponto de vista do veículo, mesmo que isso contenha inevitavelmente aspectos psicossociais de identificação do leitor.

Na realidade, a compartimentalização da informação ou setorização e a organização espacial visual e de conteúdo da oferta de informação atende a uma economia simbólica, política e financeira, garantindo a especialização funcional da mão de obra e uma facilidade em termos de consumo, como acontece em outras mídias.

A reflexão sobre o papel das mídias tecnológicas e do jornalismo na sociedade contemporânea suscita um questionamento recorrente sobre qual seria o real conteúdo da informação. Claude Sales⁷ relaciona possíveis respostas: o objetivo da informação é a política e os debates que ela provoca, e também as notícias locais. Isso numa sociedade hierarquizada, que privilegia certas informações, de acordo com interesses os mais diversos e que nem sempre são os públicos.

⁷ Sales (1974).

O papel do jornalista também desperta questões. Subsumido a uma economia de mercado, é um *ghost writer* a quem o anonimato resguarda em sua escrita sem liberdade e também faz sucumbir como autor. Ainda assim, a relação entre o jornalista e o leitor é daquele que sabe com aquele que não sabe. O jornalista sabe ou age como se soubesse, e assume funções de formador do saber de um determinado leitor, que por outros meios não poderia ter acesso a tais informações. É por isso que Cremilda Medina⁸ diz que o comunicador é, em última análise, o desencadeador de certos efeitos na sociedade.

No caso de cronistas, colunistas e chargistas, é possível uma melhor utilização dessa condição catalizadora do comunicador. Ao assinar seus trabalhos, o articulista goza de maior autonomia para emissão clara da sua opinião podendo, inclusive, distanciar-se um pouco mais do prumo ditado pela linha editorialística do jornal. Nesses espaços, é mais fácil encontrar o exercício do humor de maior significação política, gerador de todo um potencial contra-hegemônico, ou seja, capaz de contraposição e resistência ao processo de verticalização das relações no âmbito da comunicação social.

Um trecho da coluna diária do escritor José Simão pode ser bastante ilustrativo disso. Sob o título “Buemba! Anameba Brega diz que jacaré mama!”, ele trata personagens e acontecimentos incensados pela mídia e pelo público de maneira absolutamente não cerimoniosa, para não dizer algo mais ao estilo do *Macaco*. Muitas vezes, suas colocações são virtualmente demolidoras. Talvez só a categorização como não sérias e seu suporte na mídia impressa e na Internet, que têm um alcance restrito em relação ao todo dos veículos jornalísticos, explique a sua longa sobrevida pública. Eis o trecho:

“A Anameba Brega disse pro Louro José que não trouxe um jacarezinho da Flórida porque ele tava mamando. Com aquela boca? Já imaginou levar uma mamada de jacaré? E como disse o outro: brasileiro pula de galho em galho pra não cair na boca do jacaré! O Brasil é penta! E o povo senta! (...) E outro disse que o Serra é menos empolgante que comida de hospital! E um outro ainda me disse que o Felipão é 10: conseguiu ganhar sete jogos e ainda deixar meia dúzia de corintianos de castigo no banco de reserva! E adorei a semana do William Bonner e Fátima Bernardes com

⁸ Medina (1982).

os candidatos: "Na Mesa com os Bonner". Primeiro, serviu pra provar que eles não sabem apenas ler. Segundo, como eles conseguiram decorar tudo aquilo?"⁹

Num trecho tão curto, o autor conseguiu criticar a falta de consistência de uma apresentadora de televisão célebre, relacionar a Copa do Mundo e a situação lamentável da população brasileira, expor a falta de cacife eleitoral do candidato a presidente pela situação e questionar o modelo espetacularizado de veiculação da notícia nos telejornais. Os setores ditos sérios, incluindo as editorias específicas, na maioria das vezes tangenciam ou omitem esses aspectos da notícia, ganhando um verniz de responsabilidade e se eximindo da obrigatoriedade cognitiva do exercício da crítica.

Outro exemplo é o do Luís Fernando Veríssimo, na sua coluna expandida aos domingos: "Imagine a vida sem nenhum pau de fósforo. Imagine uma noite inteira de ruídos estranhos dos quais você não pode fugir, pois como encontrará uma árvore no escuro? Imagine-se aninhado numa árvore para passar a noite com segurança e descobrindo, ao amanhecer, que dormiu abraçado a uma jibóia!"¹⁰

Ao criar essas imagens, ele abre uma fenda na objetividade entre parênteses do noticiário em seu entorno, oferecendo uma perspectiva diferenciada para enxergar a vida urbana na contemporaneidade. Em outras palavras, ele desloca o leitor do seu lugar seguro e naturalizado para sugerir que talvez não tenha sido sempre assim e, quem sabe, tudo pudesse ser de uma outra maneira. Embora, num jornal impresso, a vida pareça estratificada em colunas e retrancas, os papéis de cada uma das partes não são estanques na formação do todo. Aparecem, então, as contradições na rigidez proposta pelo esquema industrial.

Mesmo as partes sérias do jornal são, em muitas ocasiões, influenciadas pela imprevisibilidade da vida e pelos movimentos da dinâmica social. Aí surgem os erros, que nem a *mea culpa* dos *ombudsmans* consegue livrar da chacota, e esses erros são um espaço onde cabem as entrelinhas do humor inadvertido que brinca de transformar, fustigando os costumes arcaicos, denunciando as injustiças sociais, cobrando posicionamento e ações políticas renovadoras.

O ensaio terminaria assim, sisudamente, se a coerência para com o libelo feito não exigisse um texto um tantinho mais criativo e, definitivamente, mais bem

⁹ Publicada na Folha de São Paulo (ver Referências Bibliográficas).

¹⁰ Publicada no O Estado de São Paulo (ver Referências Bibliográficas).

humorado. Talvez uma piada viesse a calhar... Ou a encalhar, já que a verve humorística é artigo bastante raro.

Enfim, se a tentativa é o único meio de realizar algo, o erro é uma probabilidade muito bem sucedida na tentativa. Deve ser por isso que a piada não veio. E se não for por isso, valem as novas premissas da Lei de Murphy, que circulam impunemente pela Internet: se os fatos não confirmam a teoria, abandone os fatos. De qualquer modo, ninguém nunca está ouvindo. Até você cometer um erro.

Referência bibliográfica

Audiberti, Jacques. *Molière*, Paris: L'Arche, 1954.

Cirne, Moacy. *Uma Introdução Política aos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achimé/Angra, 1982.

Coelho, Teixeira. *O que é Indústria Cultural*. São Paulo: Col. Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 1979.

Costa, Flávio Moreira da. *Os 100 Melhores Contos de Humor da Literatura Universal*. São Paulo: Ediouro, 2001.

Erbolato, Mário L. *Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Atlas, 1981.

Folha de São Paulo. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 17/08/2002.

Martins, Mário. *A sátira na literatura medieval portuguesa (séculos XIII e XIV)*. Portugal: Biblioteca Breve, 1977.

Medeiros, Jotabê. *A alegria na literatura*. In: *O Estado de São Paulo*, Segundo Caderno. São Paulo: S. A. O Estado de São Paulo, 16/12/2001.

Medina, Cremilda de Araújo. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

Morin, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Volumes I e II, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986/1990.

Moya, Álvaro de. *Shazan*. In: *Coleção Debates*. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Pross, Harry. *Estructura simbólica del poder*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

Rabaça, Carlos Alberto & **Barbosa**, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. Colaboração de Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.

Rossi, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

Sales, Claude. *Mitos e mudanças no discurso jornalístico*. **In**: *Os encontros de outubro informação e mass media*. Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Minas Gerais. Quinta-feira, 03 de Outubro de 1974.

Silveira, Ênio *et al.* *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Simão José. *Buamba! Anameba Brega diz que jacaré mama!* **In**: Folha de São Paulo, Caderno *Ilustrada*, p. E7. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 12/07/2002.

Veríssimo, Luís Fernando. *Viagens no tempo*. **In**: *O Estado de São Paulo*. São Paulo: S. A. O Estado de São Paulo, Cultura/Caderno Dois, 18/08/2002.